



Porquê?

Programa

coordenador

Manuel Célio Conceição

Neuza Costa, Pedro de Sousa

(Universidade do Algarve)

colaboradores

Nemira Mačianskienė

Lina Abraitienė, Vilma Bijeikienė, Vaida Misevičiūtė, Daiva Pundziuvienė

(Universidade Vytautas Magnus, Kaunas)

Anna Murkowska

Joanna Fituła, Jacek Romaniuk, Marta Wojakowska

(Universidade de Varsóvia)

Kris Peeters

(Universidade de Antuérpia)



Funded by the
European Union



Índice

INTRODUÇÃO	3
PARTE 1	4
ABORDAGENS PLURILINGUES, VALORES EUROPEUS E POLÍTICA EUROPEIA	5
ABORDAGENS PLURILINGUES, IMPACTO SOCIETAL E ENVOLVIMENTO	6
ABORDAGENS PLURILINGUES E ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS: INCLUSÃO E MOTIVAÇÃO	8
ABORDAGENS PLURILINGUES E INTERNACIONALIZAÇÃO: INCLUSÃO E MOBILIDADE	11
ABORDAGENS PLURILINGUES E APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA	12
PARTE 2	15
AS VANTAGENS DA APRENDIZAGEM PLURILINGUE	15
O PLURILINGUISMO E OS SEUS BENEFÍCIOS SOCIOECONÓMICOS	16
BENEFÍCIOS DO PLURILINGUISMO PARA A SAÚDE	18
BENEFÍCIOS DIDÁTICOS DO PLURILINGUISMO: COGNIÇÃO, MOTIVAÇÃO, BEM-ESTAR E AUTOESTIMA, EFICÁCIA DA APRENDIZAGEM	19
PLURILINGUISMO E CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO	20
PARTE 3	22
REPRESENTAÇÕES E CRENÇAS LINGUÍSTICAS MONOLINGUES	23
A RESISTÊNCIA À MUDANÇA E A RESILIÊNCIA DOS MODOS MONOLINGUES	24
DESAFIOS INDIVIDUAIS: CONHECIMENTOS, COMPETÊNCIAS, ATITUDES E VALORES	28
PARTE 4	30
ATITUDES E VALORES	30
ENSINO ABERTO, INCLUSIVO E INTERCULTURAL	31
ABORDAGEM ECOLÓGICA DO ENSINO DAS LÍNGUAS, ENSINO LINGUISTICAMENTE SENSÍVEL	32
ENSINO EM EQUIPA: PROFESSORES E ALUNOS COMO PARCEIROS	34
O PLURILINGUISMO COMO VALOR ACRESCENTADO PARA O ENSINO, A INVESTIGAÇÃO E O ENVOLVIMENTO COM A SOCIEDADE	37
CONCLUSÃO: ABORDAGENS PLURILINGUES NO ENSINO SUPERIOR: UMA MUDANÇA DE PARADIGMA MUITO NECESSÁRIA PARA A QUAL A FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS É FUNDAMENTAL	38





Introdução

As abordagens plurilingues no ensino superior surgiram como um desafio para lidar com a necessidade premente criada por uma espécie de "puxa e empurra" entre as realidades multilingues do nosso mundo globalizado e a imposição e valorização da língua franca, o inglês. O plurilinguismo, visto como um *savoir-être*, compreende a capacidade de comunicar eficazmente em múltiplas línguas e variedades, bem como em contextos culturais e científicos. As abordagens plurilingues têm amplas implicações no desenvolvimento ético, cognitivo e profissional dos alunos, nas práticas pedagógicas e na sociedade em geral. As páginas seguintes apresentam as razões pelas quais estas abordagens são necessárias e sublinham a relevância desta mudança de paradigma no ensino superior.





Parte 1

A necessidade urgente de abordagens plurilingues no ensino superior





Abordagens plurilingues, valores europeus e política europeia

(K. Peeters)

O reconhecimento da diversidade linguística e cultural existente no ensino superior e nas sociedades europeias está intimamente relacionado com os valores fundamentais da União Europeia, resumidos no lema da União Europeia "Unida na diversidade" e consagrados no Tratado de Lisboa e na Carta dos Direitos Fundamentais da UE. Desde o início do que viria a ser a UE, a política europeia tem como objetivo a promoção da paz, da dignidade humana e dos direitos humanos, do bem-estar, da inclusão social, da participação democrática e da justiça social. O multilinguismo, que inclui as 24 línguas oficiais da UE, bem como as línguas minoritárias e migrantes presentes na UE, foi reconhecido como um instrumento fundamental para alcançar estes objetivos. A diversidade linguística é um dos princípios fundadores da União Europeia, já consagrado no primeiro regulamento da Comunidade Económica Europeia (Regulamento n.º 1, de outubro de 1958).

A política europeia, e em particular a política linguística europeia, tem por objetivo valorizar a diversidade linguística e cultural e a inclusão. Desde há décadas que o Conselho da Europa considera a utilização da própria língua como um direito democrático fundamental, instrumental para os direitos humanos, tais como a não discriminação, o acesso à justiça, a liberdade de expressão e o direito de participar nos assuntos e serviços públicos (Skutnabb-Kangas, 2005). Nos últimos anos, novos documentos políticos sublinharam a necessidade de abordagens e materiais educativos abrangentes e inclusivos, em conformidade com o objetivo de Barcelona, que leva a UE a encorajar todos os seus cidadãos a dominarem funcionalmente pelo menos duas línguas para além da sua língua materna. Ao Guia para o desenvolvimento e implementação de currículos para a educação plurilingue e intercultural (Beacco et al, 2016), seguiu-se o volume QECR Companion (Conselho da Europa, 2020), que atualiza e amplia a edição do QECR de 2001, incluindo descritores de competência plurilingue e pluricultural (pp. 123 e seguintes) e mediação, entre outros. A competência plurilingue está agora "no centro da visão de um Espaço Europeu da Educação" (Conselho da UE, 2019). A UE reconhece que a competência plurilingue é uma competência essencial para a aprendizagem ao longo da vida (Conselho da UE, 2018).

Reconhece também que ser plurilingue traz uma série de vantagens: aumenta a mobilidade internacional e facilita a adaptação do indivíduo a um mercado interno cada vez mais internacional; reforça a identidade europeia; permite uma melhor compreensão de outras culturas, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma cidadania ativa, da coesão social, da participação democrática e da realização pessoal. Além disso, a criação de alianças europeias de universidades deu origem a espaços de aprendizagem multilingues e multiculturais nos quais estão atualmente a ser aplicadas políticas linguísticas multilingues.

Referências



Funded by the
European Union



- European Union. (n.d.). Principles and values. https://european-union.europa.eu/principles-countries-history/principles-and-values/aims-and-values_en
- Beacco, J.-C., et al. (2016). *Guide for the development and implementation of curricula for plurilingual and intercultural education*. Strasbourg: Council of Europe Publishing.
www.coe.int/en/web/language-policy/guide-for-the-development-and-implementation-of-curricula-for-plurilingual-and-intercultural-education
- Charter of Fundamental Rights of the European Union. (2012). https://eur-lex.europa.eu/eli/treaty/char_2012/oj
- Council of Europe (2020). *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, teaching, assessment – Companion volume*. Strasbourg: Council of Europe Publishing.
<https://rm.coe.int/common-european-framework-of-reference-for-languages-learning-teaching/16809ea0d4>
- Council of the European Union (2018). *Council Recommendation of 22 May 2018 on key competences for lifelong learning*. education.ec.europa.eu/focus-topics/improving-quality/key-competences.
- Council Recommendation of 22 May 2019 on a comprehensive approach to the teaching and learning of languages. *European Journal of Language Policy*, 11(1), 129–137. Also available at eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=uriserv:OJ.C_.2019.189.01.0015.01. ENG.
- Grin, F. (Ed.). (2018). *The MIME Vademecum: Mobility and inclusion in multilingual Europe*. <https://www.mime-project.org/vademecum/>.
- Lisbon Treaty. (n.d.). <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/HTML/?uri=CELEX:12016ME/TXT&from=EN>
- Peeters, K. (forthcoming). Plurilingual integrated approaches at university: contexts, challenges, and opportunities. In *Proceedings of the 12th International Congress of the Italian Association of University Language Centres*. Milano: Università Cattolica del Sacro Cuore.
- Skutnabb-Kangas, T. (2005). Language policy and linguistic human rights. In: T. Ricento (Ed.), *An introduction to language policy: Theory and method*, pp. 273–292. London: John Wiley and Sons.
- Zanola, M. T. (2020). *Il plurilinguismo, un'opportunità e una sfida educativa*. *Annali della Fondazione Tovini*, pp. 84–96. Roma: Studium.

Abordagens plurilingues, impacto societal e envolvimento

(K. Peeters)

Uma das principais missões das instituições de ensino superior na Europa, a par do ensino e da investigação, é o serviço à sociedade. As universidades são financiadas com dinheiros públicos; por conseguinte, têm a missão cívica de contribuir para as sociedades que as financiam, incluindo as suas economias, culturas, debates sociais e justiça social. De acordo com a UNESCO, a missão cívica do ensino superior inclui chegar a grupos vulneráveis, proporcionar percursos de aprendizagem flexíveis, promover uma abordagem de ciência aberta e oferecer oportunidades de aprendizagem para a próxima geração de cidadãos em sociedades cada vez mais multiculturais.

Todos estes aspectos relacionados com o empenhamento cívico das universidades estão em contradição com o preconceito monolíngue da língua inglesa que tem permeado a criação e a circulação do conhecimento científico e - nalguns países mais do que noutros - o ensino superior,



Funded by the
European Union



especialmente ao nível do mestrado. A avaliação da investigação e, em particular, a avaliação do impacto da investigação baseia-se geralmente em métricas bibliográficas, ou seja, indexação, fatores de impacto e citações registadas em grandes bases de dados de investigação, como a Web of Science ou a Scopus. Estes fornecem a base para as classificações universitárias globais, mas são estruturalmente tendenciosos em relação à investigação em língua não inglesa. Mais de 90 % de todas as publicações indexadas na Scopus e na Web of Science são em inglês (Vera-Baceta et al, 2019), ao passo que menos de 60 % dos 51 000 investigadores das ciências humanas e sociais examinados por Kulzycki et al. (2020) publicaram em inglês e apenas 30 % publicaram apenas em inglês. A internacionalização da investigação apenas em inglês não é, de forma alguma, inocente: trata-se de uma prática linguística hegemónica que faz com que os investigadores privilegiem temas de investigação que possam ser publicados em inglês e que tenham uma orientação internacional e não nacional, regional ou local. Como tal, as atuais normas bibliométricas constituem um obstáculo à missão cívica das universidades. Nos últimos anos, a perceção de que a ciência não pode ter impacto local quando as línguas nacionais e regionais são ignoradas, resultou na ambição de medir e valorizar os resultados da investigação noutros termos para além das citações. Em 2015, Hicks et al apelaram a publicações de alta qualidade noutras línguas que não o inglês para proteger e promover a investigação regional e nacional. Em 2018, Sivertsen defendeu o que designou por "multilinguismo equilibrado" na ciência, considerando "todos os objetivos de comunicação em todas as diferentes áreas de investigação e todas as línguas necessárias para cumprir esses objetivos", incluindo a comunicação científica nas línguas locais necessárias para o envolvimento com as partes interessadas e o público. Por último, a Iniciativa de Helsínquia sobre o Multilinguismo na Comunicação Académica de 2019 (helsinki-initiative.org) apelou aos decisores políticos, às universidades e aos financiadores da investigação para que apoiem a divulgação dos resultados da investigação em benefício da sociedade, protejam as infraestruturas nacionais para a publicação de investigação localmente relevante e promovam a diversidade linguística na avaliação e no financiamento da investigação. O impacto social e o envolvimento nas sociedades nacionais são impossíveis sem a criação e circulação de conhecimentos nas línguas nacionais e regionais (Conceição & Zanola, 2020). Criar espaços de ensino e aprendizagem multilingues e multiculturais (IntlUni, 2015) é o que permite ao ensino superior maximizar os benefícios do multilinguismo na transferência e criação de conhecimentos, na internacionalização e na diversidade e inclusão, em vez de cair na armadilha de uma língua académica única e aparentemente sem problemas.

Referências

- Conceição, M. C. & Zanola, M.T. (2020). *Terminologia e mediação linguística: métodos, práticas e atividades*. Faro: Universidade do Algarve Editora.
- Hicks, D., Wouters, P., Waltman, L., de Rijcke, S., & Rafols, I. (2015). Bibliometrics: The Leiden Manifesto for research metrics. *Nature*, 520, (7548), 429–431.
- IntlUni. (2015). *The challenges of the multilingual and multicultural learning space in the International University*. Erasmus Academic Network, 2012-2015, www.intluni.eu.
- Kulczycki, E. et al. (2020). Multilingual publishing in the social sciences and humanities: A seven-country European study. *The Journal of the Association for Information Science and Technology*, 71, 1371–1385. <https://doi.org/10.1002/asi.24336>





Papadimitriou, A. (2020). Beyond rhetoric: Reinventing the public mission of higher education. *Tertiary Education and Management*, 26, 1–4. <https://doi.org/10.1007/s11233-019-09046-9>

Vera-Baceta, M.-A., Thelwall, M. & Kousha, K. (2019). Web of Science and Scopus language coverage. *Scientometrics*, 121(3), 1803–13.

UNESCO Institute for Lifelong Learning. (n.d.). *The role of higher education institutions in lifelong learning*. <https://www.uil.unesco.org/en/role-higher-education-institutions-lifelong-learning>

Council of Europe. (n.d.). *Democratic mission of higher education*.

<https://www.coe.int/en/web/higher-education-and-research/democraticmission-of-higher-education>

Abordagens plurilingues e envolvimento dos alunos: inclusão e motivação

(K. Peeters)

Tal como acontece com os professores do ensino básico e secundário, os professores do ensino superior são incentivados a criar ambientes de aprendizagem inclusivos e motivadores para promover o empenhamento e o sucesso dos alunos. Ao abraçar a diversidade e fomentar a motivação dos alunos, os professores do ensino superior podem concentrar-se ativamente no desenvolvimento de técnicas de envolvimento dos alunos para aumentar o seu envolvimento (por exemplo, Barkley & Major, 2020, 2022; Harrington, 2021; Harrington et al., 2021). Ao fazê-lo, os professores podem criar experiências de aprendizagem positivas e gratificantes para uma população diversificada de alunos. A promoção do desenvolvimento da inclusão e da motivação cria uma sinergia extremamente poderosa, que pode aumentar o empenhamento e o sucesso dos alunos no ensino superior. Além disso, pode beneficiar os alunos fora dos contextos educativos.

O ensino plurilingue é reconhecido por proporcionar vários benefícios que melhoram a inclusão na educação. Estes benefícios são apoiados pela investigação académica (Piccardo, Germain-Rutherford & Lawrence, 2022; Galante, 2022), que mostra que a educação plurilingue pode beneficiar os alunos, os educadores e a sociedade como um todo. Três benefícios importantes são:

1. Reduzir as barreiras linguísticas e culturais: A educação plurilingue valoriza e promove a utilização de múltiplas línguas, quebrando as barreiras linguísticas e culturais que podem dificultar a participação e o envolvimento dos alunos na sala de aula. Por exemplo, García e Wei (2014) sugerem que a educação plurilingue pode ajudar a construir pontes entre alunos de diversas origens linguísticas, promovendo a inclusão. Além disso, Cummins (2000) observa que, quando as primeiras línguas (L1) dos alunos são valorizadas e utilizadas na sala de aula, isso pode aumentar a sua autoestima e promover o seu sentimento de pertença.
2. Reforço da coesão social: O ensino plurilingue pode criar um sentimento de coesão social (comunidade) e de pertença entre alunos de diferentes origens linguísticas e



Funded by the
European Union



culturais, promovendo a inclusão. Os estudos mostram que a educação plurilingue pode promover a compreensão intercultural e reduzir os preconceitos, o que, por sua vez, pode reforçar a coesão social dentro e fora da sala de aula (por exemplo, Alred et al., 2002; Alves & Mendes, 2006). Por exemplo, Byram (2008) argumenta que a educação plurilingue pode promover a competência intercultural crítica, permitindo que os alunos se envolvam positivamente com pessoas de diferentes origens linguísticas e culturais.

3. Promover a equidade: O ensino plurilingue reconhece e valoriza a diversidade linguística dos alunos, promovendo a inclusão e a equidade. A investigação mostra que o ensino plurilingue pode ajudar a reduzir os preconceitos linguísticos e culturais no sistema educativo, garantindo que todos os alunos tenham acesso a oportunidades educativas equitativas. Por exemplo, Skutnabb-Kangas, Phillipson, Mohanty, & Panda (2009) argumentam que a educação plurilingue pode ajudar a capacitar as comunidades marginalizadas e a reduzir a marginalização dos alunos que falam línguas não dominantes.

Para além de promoverem a inclusão, as abordagens plurilingues à educação (linguística) têm demonstrado aumentar a motivação dos alunos, envolvendo-os em ambientes de aprendizagem dinâmicos e culturalmente ricos (Piccardo, Lawrence, Germain-Rutherford & Galante, 2022). Quando os alunos sentem que as suas identidades linguísticas e culturais são valorizadas na sala de aula, é mais provável que se envolvam com os materiais utilizados dentro e fora das salas de aula (por exemplo, manuais escolares) e se sintam motivados para aprender. A educação plurilingue também oferece aos aprendentes oportunidades para utilizarem e desenvolverem as suas competências linguísticas, o que pode ser um poderoso fator de motivação para a aprendizagem em geral e para a aprendizagem de outras línguas em particular. Os alunos que estão motivados para aprender têm mais probabilidades de serem bem sucedidos nos seus percursos académicos. Três benefícios da educação plurilingue relacionados com a motivação são

1. Reforçar a participação dos alunos: A educação plurilingue pode aumentar a motivação dos alunos ao promover experiências de aprendizagem ativas e participativas. Ao integrar ativamente as diversas origens linguísticas e culturais dos alunos no processo de aprendizagem, as abordagens plurilingues criam ambientes de sala de aula inclusivos e envolventes. Uma abordagem plurilingue pode criar um sentimento de apropriação e de investimento no processo de aprendizagem, conduzindo, por sua vez, a uma maior motivação e empenhamento. Além disso, Dewaele e MacIntyre (2014) sugerem que o ensino plurilingue pode ajudar os alunos a desenvolver atitudes positivas em relação à aprendizagem de novas línguas, o que pode aumentar a sua motivação para aprender.
2. Promover a autonomia do aprendente: O ensino plurilingue pode aumentar a motivação dos alunos ao promover a sua autonomia. Ao valorizar e incorporar os repertórios linguísticos existentes dos aprendentes, as abordagens plurilingues podem ajudá-los a desenvolver um sentimento de propriedade e de controlo sobre os seus processos de aprendizagem. Subsequentemente, isto pode aumentar a sua motivação para aprender e a sua vontade de assumir a responsabilidade pela sua aprendizagem (por exemplo, Kramsch, 2014). Além disso, estudos mostram que a educação plurilingue pode promover uma mentalidade de crescimento (translínque) (ver Andrews et al., 2018; Dweck, 2006), que enfatiza o desenvolvimento de competências e capacidades





através do esforço e da prática (Dörnyei, 2009). Por sua vez, isto pode levar a uma maior motivação e perseverança.

3. Proporcionar a utilização da língua no mundo real: O ensino plurilingue pode aumentar a motivação dos aprendentes ao proporcionar-lhes oportunidades de utilizarem as suas competências linguísticas em contextos do mundo real. Ao enfatizar o uso/comunicação da língua em vez de simplesmente o conhecimento da língua, as abordagens plurilingues orientadas para a ação podem proporcionar aos alunos um sentido de propósito e relevância na sua aprendizagem (da língua) (Piccardo & North, 2019). Isto pode aumentar a motivação dos alunos para aprender e a sua vontade de correr riscos e experimentar as suas competências (linguísticas) (Beacco et al., 2016). Além disso, os estudos mostram que a educação plurilingue pode promover a competência comunicativa intercultural, que envolve a capacidade de compreender e comunicar eficazmente "no mundo real" com pessoas de diversas origens linguísticas e culturais (Alred et al., 2002). Esta competência pode aumentar a motivação dos aprendentes, fornecendo-lhes os conhecimentos, as perceções e as aptidões necessárias para comunicar e interagir com pessoas de culturas diferentes.

Em conclusão, as abordagens plurilingues do ensino superior podem melhorar a inclusão e a motivação dos alunos. Ao reconhecerem e valorizarem a diversidade linguística dos alunos, estas abordagens plurilingues podem criar ambientes de aprendizagem mais inclusivos que reconhecem e respeitam as várias línguas, culturas e identidades representadas nas salas de aula (de línguas). Ao encorajar os alunos a desenvolverem as suas próprias competências plurilingues, os professores do ensino superior podem aumentar a motivação e o empenho dos alunos e dotá-los de competências valiosas que os beneficiarão num mundo globalizado. A implementação de abordagens plurilingues no ensino superior tem o potencial de melhorar os resultados individuais de aprendizagem e de contribuir para uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Referências

- Alred, G., Byram, M., & Fleming, M. (Eds.). (2002). *Intercultural experience and education*. Multilingual Matters. <https://doi.org/10.21832/9781853596087>
- Alves, S. S., & Mendes, L. (2006). Awareness and practice of plurilingualism and intercomprehension in Europe. *Language & Intercultural Communication*, 6(3–4), 211–218. <https://doi.org/10.2167/laic248.0>
- Andrews, J., Fay, R., & White, R. (2018). From linguistic preparation to developing a translingual mindset: Possible implications for researcher education. In J. Choi & S. Ollerhead (Eds.), *Plurilingualism in teaching and learning: Complexities across contexts* (pp. 220–233). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315392462-13>
- Barkley, E. F., & Major, C. H. (2020). *Student engagement techniques: A handbook for college faculty* (2nd ed.). Jossey-Bass.
- Barkley, E. F., & Major, C. H. (2022). *Engaged teaching: A handbook for college faculty*. SocialGood.
- Beacco, J.-C., Byram, M., Cavalli, M., Coste, D., Cuenat, M. E., Goullier, F., & Panthier, J. (2016). *Guide for the development and implementation of curricula for plurilingual and intercultural education*. Council of Europe. <https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=09000016806ae621>
- Byram, M. (2008). *From foreign language education to education for intercultural citizenship: Essays and reflections*. Multilingual Matters. <https://doi.org/10.21832/9781847690807>
- Cummins, J. (2000). *Language, power and pedagogy: Bilingual children in the crossfire*. Multilingual Matters. <https://doi.org/10.21832/9781853596773>





- Dewaele, J.-M., & MacIntyre, P. D. (2014). The two faces of Janus? Anxiety and enjoyment in the foreign language classroom. *Studies in Second Language Learning and Teaching*, 4(2), 237–274. <https://doi.org/10.14746/ssllt.2014.4.2.5>
- Dörnyei, Z. (2009). *The psychology of second language acquisition*. Oxford University Press.
- Dweck, C. S. (2006). *Mindset: Changing the way you think to fulfil your potential*. Ballantine Books.
- Galante, A. (2022). Affordances of Plurilingual Instruction in Higher Education: A Mixed Methods Study with a Quasi-experiment in an English Language Program. *Applied Linguistics*, 43(2), 316–339.
- García, O., & Wei, L. (2014). *Translanguaging: Language, bilingualism and education*. Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1057/9781137385765_4
- Harrington, C. (2021). *Keeping us engaged: Student perspectives (and research-based strategies) on what works and why*. Stylus.
- Harrington, K., Sinfield, S., & Burns, T. (2021). Student engagement. In H. Pokorny & D. Warren (Eds.), *Enhancing teaching practice in higher education* (pp. 135–161). Sage.
- Kramsch, C. (2014). Teaching foreign languages in an era of globalization: Introduction. *The Modern Language Journal*, 98(1), 296–311. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4781.2014.12057.x>
- Kramsch, C., & Whiteside, A. (2008). Language ecology in multilingual settings: Towards a theory of symbolic competence. *Applied Linguistics*, 29(4), 645–671. <https://doi.org/10.1093/applin/amn022>
- Piccardo, E., Germain Rutherford A. & Lawrence, G. (2022). *The Routledge handbook of plurilingual language education*. London: Routledge.
- Piccardo, E., Lawrence, G., Germain Rutherford A., & Galante A. (2022). *Activating linguistic and cultural diversity in the language classroom*. New York, NY: Springer International Publishing
- Piccardo, E. & North, B. (2019). *The Action-oriented approach: a dynamic vision of language education*. Bristol: Multilingual Matters.
- Skutnabb-Kangas, T., Phillipson, R., Mohanty, A. & Panda, M. (2009). *Social Justice through Multilingual Education*. Bristol, Blue Ridge Summit: Multilingual Matters.

Abordagens plurilingues e internacionalização: inclusão e mobilidade

(N. Costa, P. De Sousa e M. C. Conceição)

Atualmente, num mundo progressivamente móvel e interdependente, a internacionalização das instituições de ensino superior (IES) é não só desejável como inevitável. As IES e os indivíduos que as compõem são enriquecidos através da colaboração e da partilha de conhecimentos e experiências. As IES devem compreender as necessidades locais de todos os que estão envolvidos a nível micro e macro, incluindo empresas, universidades e indivíduos. Há um interesse crescente na mobilidade, quer dos estudantes quer do pessoal, e uma procura de um meio académico plurilingue que esteja culturalmente consciente da sociedade envolvente. Por exemplo, os dados da Universidade do Algarve (UAlg) indicam que um excedente de 1700 estudantes se candidatou à mobilidade externa entre os anos letivos de 2018 - 2019 e 2023-2024, um aumento significativo em comparação com os anos anteriores. Além disso, durante o ano letivo de 2021 - 2022, a UAlg recebeu mais de 350 candidaturas para a mobilidade de estudantes incoming. Estes números são indicativos de um mundo académico que já não é estático e restrito a um campus.

Devido a esta realidade premente, a mobilidade internacional no ensino superior e a sua pretendida inclusão de uma academia cada vez mais diversificada e global requer uma política linguística plurilingue que permita a plena participação em todas as atividades académicas e/ou





sociais em curso nas IES. Por outras palavras, em contextos de mobilidade, presencial ou virtual, todas as línguas têm de ser respeitadas e vistas como possíveis contribuintes para um maior desenvolvimento. Os antecedentes linguísticos com que os participantes chegam devem ser utilizados como ferramentas de ensino e aprendizagem de acordo com a realidade do contexto. Essas ferramentas - que devem ser utilizadas para promover o crescimento dos participantes dentro e fora do meio académico - permitiriam o enriquecimento de espaços multilíngues não afetados pela segregação linguística e pelo elitismo. Embora o inglês se tenha tornado inegavelmente a língua franca, não é a única língua adequada nas IES nem é indispensável. Por conseguinte, o ensino superior deve cultivar uma consciência realista do valor intrínseco e extrínseco de todas as línguas existentes. Em suma, os repertórios linguísticos existentes nas IES devem ser vistos como facilitadores da competência linguística do pessoal (docente e não docente) e dos estudantes. Assim, as IES devem aspirar a promover uma preparação adequada de indivíduos e profissionais aptos a participar na internacionalização dos campi.

Referências

- Conceição, M. C. *et al.* (2018). Why is it advisable to combine “international orientation” with “regional location” in the language strategy if universities? In *The MIME Vademecum, Mobility and Inclusion in Multilingual Europe*, Switzerland, 2018, pp. 130-131. <https://www.mime-project.org/vademecum/>.
- Grin, F. *et al.* (2018). *The MIME Vademecum: an Introduction*, in *The MIME Vademecum, Mobility and Inclusion in Multilingual Europe*, Switzerland, 2018, pp. 14-25. <https://www.mime-project.org/vademecum/>.
- Zanola, M.T. (2023). Language Policy in Higher Education. In M. Gazzola, F. Grin, L. Cardinal, K. Heugh (eds.), *The Routledge Handbook of Language Policy and Planning*, Routledge, London.

Abordagens plurilíngues e aprendizagem ao longo da vida

(J. Fituła, A. Murkowska, J. Romaniuk, & M. Wojakowska)

A população multicultural e multilíngue da Europa é o resultado de um processo evolutivo recente, em que o alargamento da União Europeia contribuiu para um aumento dramático dos fluxos migratórios e trouxe novos desafios, como a necessidade de preparar as novas gerações para o trabalho no estrangeiro e para a mobilidade dentro do continente. Embora a abolição dos controlos fronteiriços na União Europeia tenha facilitado os movimentos migratórios, a passagem das fronteiras linguísticas continua a ser um desafio maior, o que cria uma necessidade urgente de introduzir novas abordagens à educação.

Em consequência das enormes mudanças na paisagem linguística da União (com um número cada vez maior de línguas oficiais da UE e um número crescente de línguas faladas na Europa), a





partir de 2004, o multilinguismo, entendido como "a capacidade das sociedades, instituições, grupos e indivíduos de se relacionarem com mais do que uma língua na sua vida quotidiana", passou a fazer parte da política, da legislação e das práticas da UE (RELATÓRIO FINAL: 7). A sensibilização e o reforço da motivação (tanto para suscitar como para manter) estão a ser desenvolvidos como estratégias para promover a 'comunicação em línguas estrangeiras', uma competência desejável para todos os cidadãos europeus (Comissão Europeia 2005:3) e uma das competências-chave recomendadas para a aprendizagem ao longo da vida.

Em particular, foi recomendado o seguinte

o aumentar a motivação para aprender línguas para além do ensino escolar (acrescentando actividades escolares extracurriculares) e incluindo o ensino universitário e os aprendentes adultos;

o apreciar o valor da aprendizagem não formal para tornar a aprendizagem de línguas mais relevante para as necessidades dos cidadãos;

o diversificar a aprendizagem das línguas;

o assegurar a formação de professores para as salas de aula multilingues (Plataforma da Sociedade Civil para o Multilinguismo, 2011, 44)

A diversidade linguística e cultural da Europa contemporânea levou a repensar a pedagogia do ensino das línguas e a reformá-la, apesar da sua tradição monolíngue e monocultural.

Isto também está a acontecer nas instituições de ensino superior, uma etapa educativa importante na aprendizagem de línguas ao longo da vida, onde temos de lidar com uma compreensão crescente de que a abordagem plurilingue da educação conduz ao desenvolvimento do multilinguismo, que é a melhor forma de alcançar o sucesso académico, profissional e social.

O recente documento do Conselho da Europa que recomenda o plurilinguismo e o pluriculturalismo, uma Recomendação aos Estados-Membros adoptada em 2 de fevereiro de 2022 pelo Comité dos Ministros dos Negócios Estrangeiros do Conselho da Europa, apela às instituições responsáveis pela educação e formação para que "se concentrem em pedagogias que promovam uma educação plurilingue e intercultural inclusiva", o que permitirá a sua implementação em todos os currículos (CM/Rec, 2022).

Referências

European Commission Press Release. (2005). *A political agenda for multilingualism* MEMO 07/800, Brussels 23/02/2007.

Council of Europe. (2018). *Recommendation on a comprehensive approach to the teaching and learning of languages*, adopted by education ministers at the Council meeting on 22 May 2019.

Council of Europe (2022). The importance of plurilingual and intercultural education for democratic culture. Recommendation CM/Rec (2022)1 adopted by the Committee of Ministers of the Council of Europe on 2 February 2022 and explanatory memorandum. <https://rm.coe.int/prems-013522-gbr-2508-cmrec-2022-1-et-expose-motifs-couv-a5-bat-web/1680a967b4>

The High Level Group Final Report on Multilingualism. FINAL REPORT (2007). <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/b0a1339f-f181-4de5-abd3-130180f177c7>

The Civil Society Platform on Multilingualism. (2011). *Policy recommendations for the promotion of Multilingualism in the European Union*.



Funded by the
European Union



APATCHE

Adding Plurilingual Approaches to language Teacher Competences in Higher Education

The EU High Level Group on the Modernization of Higher Education. (2013). *Report the to the European Commission on Improving the Quality of Teaching and Learning in Europe's Higher Education Institutions.*



Funded by the
European Union



Parte 2

As vantagens da aprendizagem plurilingue





O plurilinguismo e os seus benefícios socioeconómicos

(K. Peeters)

A adoção de abordagens plurilingues à educação em geral e à educação linguística em particular tem-se tornado um tópico cada vez mais importante e interessante no ensino superior (ver, por exemplo, Lantz-Deaton & Golubeva, 2020). Este tópico tem sido investigado a partir de várias perspetivas e, nesta secção, iremos investigar três benefícios socioeconómicos da adoção de abordagens plurilingues à educação (linguística).

1. **Melhoria da empregabilidade e da competitividade no mercado de trabalho:** Na economia e no mercado de trabalho atuais, cada vez mais globalizados, a consciência, a proficiência e a sensibilidade a múltiplas línguas e culturas é uma competência valiosa, que pode aumentar a empregabilidade e a competitividade. De acordo com a Comissão Europeia (2008), "as competências linguísticas e interculturais aumentam as hipóteses de obter um emprego melhor. Em particular, o domínio de várias línguas estrangeiras proporciona uma vantagem competitiva: as empresas procuram cada vez mais competências numa série de línguas para poderem fazer negócios na UE e no estrangeiro" (p. 3). O plurilinguismo dota os aprendentes de uma série de competências que são altamente valorizadas pelos empregadores no atual mercado de trabalho globalizado. Por exemplo, a investigação demonstrou que os indivíduos plurilingues têm níveis mais elevados de competência (inter)cultural, de capacidade de comunicação intercultural e de capacidade de adaptação/acomodação da comunicação (Cenoz & Gorter, 2011). Estas competências são essenciais para o sucesso em locais de trabalho diversificados e em contextos nacionais/internacionais, onde os trabalhadores são
2. **Melhoria da competência intercultural:** Uma abordagem plurilingue do ensino superior pode também melhorar a competência intercultural (comunicativa), que pode ser definida como a capacidade de compreender, apreciar e mediar as diferenças culturais e de interagir eficazmente com pessoas de origens culturais diversas. A competência intercultural é uma aptidão valiosa na sociedade globalizada de hoje (por exemplo, Byram, 2012) e é frequentemente integrada no currículo e no desenvolvimento de materiais no ensino (superior) (por exemplo, Byram & Masuhara, 2013). No mundo globalizado de hoje, é mais provável que os aprendentes se encontrem com pessoas de diferentes origens culturais, tanto em contextos pessoais como profissionais, durante os seus estudos e após a graduação (para uma visão geral, ver Lantz-Deaton & Golubeva, 2020). Uma abordagem plurilingue do ensino superior permite que os estudantes desenvolvam a consciência e a sensibilidade necessárias em relação a várias culturas e perspetivas culturais. Por sua vez, este facto pode contribuir para uma sociedade mais tolerante e coesa. Embora a melhoria da competência intercultural possa levar os alunos a valorizar individualmente a diversidade, é também crucial no local de trabalho, onde os trabalhadores a podem utilizar para navegar em situações de comunicação intercultural para si próprios e para os seus empregadores
3. **Aumento da internacionalização do ensino superior:** A adoção de uma abordagem plurilingue ao ensino superior pode também aumentar a internacionalização do ensino



Funded by the
European Union



superior, que é o foco de muita investigação (por exemplo, Deardorff, 2006; Deardorff et al., 2012). A globalização da economia e o aumento da mobilidade de pessoas e ideias conduziram a uma procura crescente de pessoas com experiência internacional e maior competência intercultural/transcultural. A educação plurilingue oferece oportunidades para os alunos desenvolverem estas competências, expondo-os a diversas perspectivas linguísticas e culturais. Por sua vez, isto prepara-os para trabalhar e colaborar eficazmente num mundo globalizado. A aprendizagem num ambiente plurilingue expõe os alunos a diversas formas de pensar e incentiva-os a refletir sobre os seus próprios pressupostos e preconceitos. Este processo de reflexão e auto-consciência aumenta a sua capacidade de trabalhar com pessoas de diferentes origens linguísticas e culturais, o que é uma competência crucial no mercado de trabalho global (Byram, 2008).

Em conclusão, a adoção de abordagens plurilingues no ensino superior tem vários benefícios sociais e económicos que estão frequentemente interligados. Estes benefícios realçam a importância de promover o plurilinguismo na conceção dos currículos do ensino superior e no desenvolvimento de materiais, tanto para o crescimento pessoal dos aprendentes como para o seu sucesso no mercado de trabalho global.

Referências

- Byram, M. (2008). *From foreign language education to education for intercultural citizenship: Essays and reflections*. Multilingual Matters. <https://doi.org/10.21832/9781847690807>
- Byram, M. (2012). Conceptualizing intercultural (communicative) competence and intercultural citizenship. In J. Jackson (Ed.), *The Routledge handbook of language and intercultural communication* (pp. 85–97). Routledge.
- Byram, M., & Masuhara, H. (2013). Intercultural competence. In B. Tomlinson (Ed.), *Applied linguistics and materials development* (pp. 143–159). Bloomsbury. <https://doi.org/10.1002/9781405198431.wbeal0554>
- Cenoz, J., & Gorter, D. (2011). Focus on multilingualism: A study of trilingual writing. *The Modern Language Journal*, 95(3), 356–369. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4781.2011.01206.x>
- Deardorff, D. K. (2006). Identification and assessment of intercultural competence as a student outcome of internationalization. *Journal of Studies in International Education*, 10(3), 241–266. <https://doi.org/10.1177/1028315306287002>
- Deardorff, D. K., De Wit, H., Heyl, J. D., & Adams, T. (Eds.). (2012). *The SAGE handbook of international higher education*. SAGE. <https://doi.org/10.4135/9781452218397>
- European Commission. (2008). *Multilingualism: An asset for Europe and a shared commitment*. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/PDF/?uri=CELEX:52008DC0566>
- Grosjean, F. (2010). *Bilingual: Life and reality*. Harvard University Press. <https://doi.org/10.4159/9780674056459>
- Lantz-Deaton, C., & Golubeva, I. (2020). *Intercultural competence for college and university students: A global guide for employability and social change*. Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-57446-8>





Benefícios do plurilinguismo para a saúde

(M. C. Conceição, P. De Sousa, e N. Cousa)

A investigação sobre o impacto do bilinguismo/plurilinguismo e a saúde, especificamente a sua implicação na atividade cognitiva (Adesope et al., 2010, Bak & Mehmedbegovic-Smith, 2022; Riehl, 2022) mostra que falar/compreender mais do que uma língua pode estar associado a vários benefícios (Yeung & St John, 2016). Os falantes plurilingues apresentam um maior controlo cognitivo, são melhores em tarefas que envolvem a resolução de conflitos (Costa et al., 2009) e em multitarefas. Alladi et al. (2013) encontraram um atraso no momento do diagnóstico ou no início de sintomas clinicamente significativos, entre 4,5 anos e 7 anos; assim, o plurilinguismo poderia ser considerado um fator contribuinte da reserva cognitiva e, conseqüentemente, um provável fator de proteção para prevenir ou retardar o aparecimento de algumas doenças e a sua subsequente progressão. Cederbaum e Karpinska (2019), destacando o impacto positivo nas capacidades cognitivas, sugerem que a aprendizagem e o uso de línguas ao longo da vida podem contribuir para manter a saúde cognitiva na velhice.

Os processos mentais envolvidos na aprendizagem e utilização de línguas exercitam e estimulam o cérebro, conduzindo a melhorias cognitivas (Grant, Dennis, & Li, 2014), e melhoram as capacidades de memória.

O facto de falar várias línguas expande as capacidades de trabalho em rede do indivíduo, permitindo uma melhor inclusão social (Sorace e Antoniou, 2017), o que tem impacto no bem-estar e na autoestima.

Ser plurilingue oferece uma série de benefícios para a saúde, incluindo melhores capacidades cognitivas, melhor memória, maior capacidade de estabelecer contactos e uma recuperação potencialmente mais rápida de um AVC.

Referências

- Adesope, O. O., Lavin, T., Thompson, T., & Ungerleider, C. (2010). A systematic review and meta-analysis of the cognitive correlates of bilingualism. *Review of Educational Research, 80*(2), 207-245.
- Bak, T. & Mehmedbegovic-Smith, D. (2022). The cognitive and psychological dimensions of plurilingualism. In E. Piccardo, G. Lawrence & A. Germain-Rutherford, *Routledge handbook of plurilingual language education* (pp. 191-208). London and New York: Routledge.
- Cederbaum, J. A., & Karpinska, K. (2019). Multilingualism and cognitive aging: A systematic review. *Aging, Neuropsychology, and Cognition, 26*(6), 867-889
- Costa, A., Hernández, M., Costa-Faidella, J., & Sebastián-Gallés, N. (2009). On the bilingual advantage in conflict processing: Now you see it, now you don't. *Cognition, 113*(2), 135-149.
- Grant, A., Dennis, N. A., & Li, P. (2014). Cognitive control, cognitive reserve, and memory in the aging bilingual brain. *Frontiers in Psychology, 5*, 1401.
- Riehl, C. M. (2022). Neuroscience and plurilingual education: trends for a research agenda". In E. Piccardo, G. Lawrence & A. Germain-Rutherford, *Routledge handbook of plurilingual language education* (pp. 175-190). London and New York: Routledge.
- Sorace, A., & Antoniou, M. (2017). Bridging cognitive and sociolinguistic approaches: New insights into multilingualism and the brain. *Second Language Research, 33*(3), 369-391.





Yeung, C. M., & St John, A. M. (2016). The cognitive benefits of being bilingual: review and meta-analysis. *International Journal of Bilingualism*, 20(6), 602-627.

Benefícios didáticos do plurilinguismo: cognição, motivação, bem-estar e autoestima, eficácia da aprendizagem

(M. Wojakowska)

O plurilinguismo é definido como a capacidade de utilizar mais do que uma língua na comunicação social, independentemente do seu domínio. Este conjunto de aptidões constitui uma competência complexa mas única, útil para uma série de objetivos e com diferentes níveis de domínio. É uma manifestação prática da capacidade linguística de todos os seres humanos que pode ser investida com sucesso em várias línguas. "O nosso repertório plurilingue é, portanto, constituído por várias línguas que absorvemos de várias maneiras e nas quais adquirimos diferentes competências a diferentes níveis" (Beacco, 2005, 19).

As estratégias de aprendizagem plurilingue devem ser introduzidas logo na idade pré-escolar e devem continuar a ser encorajadas ao longo da vida da pessoa. A integração de abordagens plurilingues no processo de ensino-aprendizagem enriquece a experiência da educação em termos de conhecimentos, competências e atitudes. As vantagens mais essenciais da didática plurilingue são¹:

- o a competência para estabelecer uma comunicação linguística e cultural num contexto de alteridade,
- o a competência para resolver conflitos, ultrapassar obstáculos, esclarecer mal-entendidos,
- o a competência de negociação, que é a base para iniciar o contacto e construir relações num contexto de alteridade,
- o a competência de mediação, que é a base para a construção de relações entre línguas, entre culturas e entre pessoas,
- o a competência de adaptabilidade - a competência para beneficiar das próprias experiências interculturais/interlinguísticas, sejam elas positivas, problemáticas ou mesmo definitivamente negativas,
- o a competência para aplicar abordagens mais sistemáticas e controladas à aprendizagem no contexto da alteridade, seja numa instituição de ensino ou noutro contexto, em grupos ou individualmente,
- o a competência para descentrar - uma característica essencial dos objectivos das abordagens pluralistas, que implica uma mudança de perspetiva e uma visão relativa das coisas,

1 Baseado em FREPA (2007, 21-23)





- o o a competência de compreender características linguísticas e/ou culturais desconhecidas e de recusar os fracassos (comunicativos ou relacionados com a aprendizagem), utilizando todos os recursos disponíveis, nomeadamente os baseados na intercompreensão;
- o o a competência de distanciamento - olhar criticamente para as situações, manter o controlo e evitar ficar totalmente imerso na interação imediata ou na atividade de aprendizagem,
- o o a competência para analisar criticamente uma situação ou atividade em que se está envolvido - relacionados com a chamada consciência crítica,
- o o a competência para reconhecer o outro e a alteridade,
- o o a competência para construir e alargar um repertório linguístico e cultural plural - aprender a perceber e ativar a comunicação bilingue ou plurilingue em situações relevantes, promover um conhecimento mais profundo dos estilos de aprendizagem dos alunos e desenvolver a motivação para o estudo das línguas e das matérias curriculares.

Em suma, as pessoas plurilingues tendem a usar uma sensibilidade comunicativa mais apurada, criatividade e consciência metalinguística (Piccardo, 2017). Crucialmente, as abordagens pluralistas constituem uma mudança de paradigma na educação que conduz não só ao desenvolvimento de aprendentes individuais, mas também ao reconhecimento de línguas e culturas de baixo prestígio. Isto leva a uma maior tolerância, abertura e compreensão em relação a membros de outras culturas. A educação pluralista é, por conseguinte, um passo necessário para alcançar uma compreensão mais alargada entre os cidadãos europeus.

Referências

- Beacco, J. C. (2005). *Languages and language repertoire: Plurilingualism as a way of life in Europe*. Strasbourg: Éditions du Conseil de l'Europe.
- (FREPA) *Framework of Reference for Pluralistic Approaches to Languages and Cultures: Competences and resources*. (2007). CELV, Graz. <https://www.ecml.at/Portals/1/documents/ECMI-resources/CARAP-EN.pdf> [retrieved on: 14 02 2023]
- Piccardo, E. (2017). Plurilingualism as a catalyzer for creativity in superdiverse societies: a systemic analysis. *Frontiers in Psychology*. <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2017.02169/full>

Plurilinguismo e circulação do conhecimento

(M. C. Conceição, P. de Sousa, & N. Costa)

O espaço do ensino superior (EES) está a tornar-se cada vez mais diversificado, multilingue e multicultural, entre outras razões, devido à expansão maciça e à diversificação das populações de estudantes e de pessoal devido à mobilidade e à internacionalização. Considerando o EES um espaço de ensino e aprendizagem multilingue e multicultural (EEAMM), todas as atividades e todas as estratégias devem ser concebidas para a diversidade, mas respeitando a necessidade de inclusão.





A designação multilinguismo tem de ser vista como um hiperónimo para o leque de línguas e culturas *in praesentia* e *in absentia* no EEAMM. Por diversidade entendemos a enorme multiplicidade de línguas, culturas e conhecimentos dos estudantes e do pessoal (docente e não docente) e a subsequente variedade de estruturas de governação e de serviços a organizar para responder às necessidades.

O principal desafio é então construir e disseminar conhecimento (respeitando o conhecimento patrimonial de cada participante no MMLTS e produzindo conhecimento inovador) com impacto social, considerando três níveis, meso, micro e macro. A inclusão é uma condição *sine qua non*.

No EEAMM a inclusão é a promoção do acesso a todos (incluindo os grupos marginalizados e minoritários) para promover a equidade e a justiça social, enquanto princípios democráticos, mas sem comprometer a relevância académica e os resultados esperados do ensino superior.

O multilinguismo é um compromisso entre diversidade e inclusão. Por um lado, a diversidade deve ser tida em conta em todas as estratégias e políticas linguísticas e comunicativas e, por outro lado, não haverá coesão social, desenvolvimento equitativo do pessoal e impacto social sem uma intenção inclusiva. Demasiada diversidade sem inclusão resultaria no caos da babel, demasiada inclusão sem diversidade resultaria em newspeak (em palavras orwellianas).

O multilinguismo, a diversidade e a inclusão beneficiarão de uma estratégia clara para incentivar a diversidade, respeitando a justiça e a equidade, através da promoção de uma competência intercultural e tendo permanentemente em mente que o conhecimento sobre culturas e línguas (competência multilingue) tem um papel primordial na formação das interações e na construção do compromisso acima referido que permitirá a evolução da ciência.

Referências

Bowater, L., & Yeoman, K. (2012). *Science communication: A practical guide for scientists*.

Brake, M. L., & Weitkamp, E. (Eds.). (2014). *Introducing science communication*. Bloomsbury.

Bucchi, M., & Trench, B. (2021). *Routledge handbook of public communication of science and technology*. Routledge

Conceição, M. C. (2016). Multilinguismo: Hierarquia(s) e equidade(s). In *El multilingüisme em blanc i negre* (pp. 13-18). Barcelona, UPF. ISBN 978-84-607-4.

Conceição, M. C. (2020). "Higher Education Language policies: global trends and local needs". In D. Pieters & T. Keersmaekers (Eds.), *Internationalisation of universities and the national language* (pp. 45-59). Berlin, Peter Lang. ISBN 978-3-631-81686-8.

Fürst, G., & Grin, F. (2022), Multilingualism and creativity: an integrative approach. In F. Grin et al., *Advances in interdisciplinary language policy* (pp. 509-530). Amsterdam, John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/wlp.9.25fur>

Sime, D., & Pavlenko, A. (2020). Multilingualism, diversity, and knowledge production: Challenges and opportunities. *Applied Linguistics*, 41(5), 749-764.

Tardy, C. M. (2017). Plurilingualism in academic writing: Advancing multilingual writers' visibility and agency. *Journal of English for Academic Purposes*, 27, 65-75.





Parte 3

Os desafios do ensino plurilingue





Representações e crenças linguísticas monolíngues

(N. Mačianskienė)

A política linguística de um país ou instituição representa a ideologia dominante ou um conjunto de crenças políticas que o caracterizam. No século XXI, vivemos num mundo globalizado, multilíngue e multicultural. Este mundo apresenta como peculiaridade uma enorme diversidade linguística e cultural que continua a aumentar devido à mobilidade económica, profissional e recreativa, às crescentes necessidades de comunicação de informação e aos avanços tecnológicos, que permitem e exigem a aquisição e o desenvolvimento de múltiplas línguas. No entanto, apesar de tudo isto, a ideologia do monolíngüismo ainda está profundamente enraizada em muitos domínios da vida. Tal como definido por Fuller (2018), "as ideologias monolíngues são conjuntos de crenças sistematicamente mantidas que atribuem grande valor à língua dominante numa determinada sociedade, atribuindo pouco ou nenhum mérito a outras línguas" (p. 122). Pode parecer paradoxal, mas esta ideologia é predominante em muitas sociedades multiétnicas do Norte Global que são dominadas por uma única língua e caracterizadas por ideologias monolíngues generalizadas (Fuller, 2018). As ideologias linguísticas podem ser de dois tipos, ou seja, a ideologia da língua dominante (por exemplo, geralmente apenas o inglês) em oposição à diversidade linguística e à ideologia da língua padrão do Estado (pureza e normalização da língua à custa da aceitação de dialetos, sotaques e outras variações linguísticas). Estes dois tipos de ideologias não se referem apenas ao uso da língua em todas as esferas da vida; são exemplos de relações de poder entre diferentes grupos sociais e linguísticos no país. Consequentemente, a ideologia monolíngue exerce um impacto negativo na existência, desenvolvimento e manutenção das línguas de herança, uma vez que elimina a "verdadeira realidade do uso da língua como 'móvel', demonstrando uma falta de respeito pela riqueza cultural dos indivíduos multilíngues" (Salas et al., 2021) e, por conseguinte, tem implicações de longo alcance na igualdade, coesão social, justiça social e outras questões importantes para o mundo democrático.

A ideia de que uma língua representa uma nação que fala apenas essa língua - a chamada ideologia de uma nação-uma-língua - surgiu no início da Era Moderna como um conceito de Estado-nação, inexistente na Europa Medieval e com "pouco significado na maioria dos países europeus antes de 1900" (Blackledge, 2009, 29). Embora a maioria das pessoas seja multilíngue em todo o mundo, as ideologias monolíngues continuam a ser omnipresentes - são vistas nas representações dos meios de comunicação social, no domínio político, no discurso académico, onde outras línguas, exceto a dominante, são mantidas fora.

No que diz respeito à representação linguística no contexto educativo, a ideologia do monolíngüismo manifesta-se na própria compreensão de como as línguas são ensinadas, adquiridas e utilizadas. A representação linguística monolíngue ou "a noção de que a comunicação só acontece através de e por uma língua de cada vez" (Perez-Quinmones & Salas, 2021, 67) é generalizada e tem estado presente como um determinante ativo em muitos países a nível macro, meso e micro, contrariamente às práticas linguísticas quotidianas, onde "a comunicação monolíngue é a exceção especial às interações bilíngues" (et al, 68) e contrariamente aos estudos de investigação sobre a aquisição de línguas plurilíngues (Conteh & Meier, 2014; Cook, 1992; May, 2014). Por conseguinte, a utilização da primeira língua (L1) do aprendente é geralmente excluída das aulas de línguas estrangeiras e o objetivo é obter um domínio da língua-alvo semelhante ao de um nativo. O inglês como meio de instrução e a introdução da AILC nas salas de aula europeias nas





últimas duas décadas intensificaram ainda mais o ensino monolíngue de línguas com o foco no inglês como língua-alvo (Cenoz & Gorter, 2013).

Referências

- Blackledge, A. (2009). Monolingual ideologies in multilingual states: Language, hegemony and social justice in Western liberal democracies. *Equinoxonline*. <https://www.equinoxpub.com/home/wp-content/uploads/2017/02/Blackledge.pdf>
- Cenoz, J. & Gorter, D. (2013). Towards a plurilingual approach in English language teaching: Softening the boundaries between languages. *TESOL Quarterly*, 47(3). DOI: 10.1002/tesq.121
- Conteh, J. & Meier, G. (Eds.) (2014). *The multilingual turn in languages education: Opportunities and challenges*. Bristol: Multilingual Matters.
- Cook, V. (1992). Evidence for Multicompetence. *Language Learning*, 42, 557-591. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-1770.1992.tb01044.x>
- Fuller, J. M. (2018). 'Ideologies of language, bilingualism, and monolingualism' in A. De Houwer & L. Ortega (Eds.) *The Cambridge handbook of bilingualism* (pp. 119–134). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781316831922.007>
- May, S. (2014). *The multilingual turn: Applications for SLA, TESOL and bilingual education*. New York: Routledge.
- Perez-Quinones, M., & Salas, C.C. (April 2021). How the ideology of monolingualism drives us to monolingual interaction. *Interactions*, 28(3), 66–69. <https://doi.org/10.1145/3457871>
- Salas, C.C., Gonzales, L., Evia, C. & Perez-Quinones, M. A. (2021). Ideology of monolingualism: How ignoring bilingualism makes society less inclusive. http://respect2021.stcbp.org/wp-content/uploads/2021/05/305_Panels_05_paper_95.pdf

A resistência à mudança e a resiliência dos modos monolíngues

(L. Abraitienė)

As formas monolíngues referem-se à prática de falar, escrever e ler numa única língua, muitas vezes a dominante, numa determinada comunidade. Esta abordagem está profundamente enraizada em muitas culturas, o que leva a uma resistência à mudança e a uma falta de apreço pela diversidade linguística. No entanto, a investigação tem demonstrado que ser plurilíngue pode trazer inúmeros benefícios para os indivíduos, desde o desenvolvimento cognitivo até uma melhor compreensão cultural e oportunidades de emprego.

No entanto, há também razões válidas para que o monolingüismo possa ser visto como uma forma de resiliência. É o caso, por exemplo, das línguas ou comunidades minoritárias. Por um lado, proporciona uma sensação de estabilidade e de continuidade na comunicação, nomeadamente em comunidades mais tradicionais ou isoladas. Além disso, o monolingüismo pode ajudar a manter a diversidade linguística, uma vez que as diferentes comunidades podem proteger e utilizar as suas línguas para preservar a sua identidade cultural única. Por último, o monolingüismo também pode ser visto como uma forma de resistência contra a cultura ou a língua dominante (ver Oxford, 2016; Yun, Hiver, & Al-Hoorie, 2018), particularmente nos casos em que a língua dominante foi imposta através do colonialismo ou de outras formas de opressão.



Funded by the
European Union



É claro que é essencial notar que o monolinguismo também tem inconvenientes. Um dos mais óbvios é que pode limitar a comunicação e a interação com indivíduos de diferentes origens linguísticas. Pode ser particularmente problemático em contextos em que a comunicação intercultural é essencial, como nos negócios internacionais ou na diplomacia. Além disso, o monolinguismo pode contribuir para a marginalização de indivíduos ou grupos que não falam a língua dominante, o que pode, por sua vez, perpetuar a desigualdade e a exclusão social (ver Coleman & Hagell, 2007; Masten, 2001).

A resposta à questão de saber por que razão algumas pessoas resistem à adoção de abordagens plurilingues pode ser variada. Uma das razões é que a mudança pode ser difícil, e aprender uma nova língua ou adaptar-se a uma nova forma de comunicar pode ser assustador. Além disso, podem existir razões culturais ou ideológicas para que alguns indivíduos ou grupos resistam à adoção do plurilinguismo. Por exemplo, em algumas sociedades, existe um forte apego à língua dominante como símbolo de identidade nacional. Nesses casos, a adoção de abordagens plurilingues pode ser vista como uma ameaça à ordem estabelecida e sofrer resistência em conformidade.

A ideologia do monolinguismo, tal como salientado na investigação de Perez-Quinones e Salas (2021), pode levar os indivíduos a interagir apenas na sua língua materna, conduzindo à exclusão e marginalização dos falantes não nativos. Reforça a ideia de que ser monolíngue é a norma e que outras línguas e culturas não são bem-vindas, ou são mesmo inferiores. Isto cria um ciclo vicioso que perpetua o status quo e limita as oportunidades de crescimento e aprendizagem.

Por outro lado, as abordagens plurilingues reconhecem e celebram a diversidade linguística, promovendo a aquisição de múltiplas línguas e fomentando a comunicação intercultural. O Impacto do Multilinguismo na Educação Global e na Aprendizagem de Línguas, um relatório de King (2017) no Cambridge English Perspectives, destaca a importância do plurilinguismo no mundo globalizado de hoje, onde indivíduos e comunidades estão cada vez mais interligados.

No entanto, apesar dos benefícios do plurilinguismo, muitas pessoas ainda resistem à mudança e agarram-se a formas monolíngues. Isto pode dever-se a vários fatores, como a identidade cultural, a falta de acesso a recursos de aprendizagem de línguas e o medo do desconhecido. Para ultrapassar esta resistência, é necessária uma mudança de mentalidade, deixando de ver a diversidade linguística como uma ameaça e passando a reconhecê-la como uma vantagem.

Em conclusão, embora o monolinguismo possa estar profundamente enraizado em muitas sociedades, é vital reconhecer os benefícios do plurilinguismo e trabalhar no sentido de promover a diversidade linguística e a compreensão intercultural. Para tal, é necessário ultrapassar a resistência à mudança e adotar novas formas de pensar e comunicar. Uma solução possível é concentrar-se na promoção do plurilinguismo como complemento, e não como substituto, do monolinguismo. Isto pode implicar encorajar os indivíduos a aprenderem outras línguas, mantendo as suas práticas linguísticas atuais. Pode também envolver a promoção de programas de educação bilingue ou multilingue que permitam aos indivíduos desenvolver proficiência em várias línguas sem sacrificar a sua língua principal ou identidade cultural.

Referências

Coleman, J., & Hagell, A. (2007). Adolescence, risk and resilience: A conclusion in adolescence, risk and resilience: against the odds. In J. Coleman & A. Hagell (Eds.), *Adolescence, risk and resilience: Against the odds* (pp. 165-174). John Wiley & Sons.





- Fletcher, D., & Sarkar, M. (2013). Psychological resilience: A review and critique of definitions, concepts, and theory. *European Psychologist*, 18, 12–23. doi: 10.1027/1016-9040/a000124
- King, L. (2017). *The Impact of multilingualism on global education and language learning*. <https://assets.cambridgeenglish.org/research/perspectives-multilingualism.pdf>
- Masten, A. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American Psychologist*, 56, 227–238.
- Oxford, R. (2016). Toward a psychology of well-being for language learners: The EMPATHICS vision. In P.D. MacIntyre, T. Gregersen, & S. Mercer (Eds.), *Positive Psychology in SLA* (pp. 10–87). Multilingual Matters.
- Perez-Quinones, M., & Salas, C.C. (2021). How the ideology of monolingualism drives us to monolingual interaction, *Interactions*, 28(3).66–69. <https://doi.org/10.1145/3457871>
- Yun, S., Hiver, P., & Al-Hoorie, A. H. (2018). Academic buoyancy: Exploring learners' everyday resilience in the language classroom, *Studies in Second Language Acquisition*, 40(4), 805–830.

Políticas educativas a nível macro, meso, micro e nano

(M. Wojakowska)

A promoção do plurilinguismo tornou-se uma pedra angular da política educativa da União Europeia. Os documentos mais importantes sobre este tema, a nível supra e macro, são:

- O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas [QECR] (2001) e a sua edição atualizada e alargada Volume de Acompanhamento do QECR (2020) - um documento que fornece uma base transparente, coerente e abrangente para o desenvolvimento de programas de estudo de línguas e orientações curriculares, a conceção de materiais de ensino e aprendizagem, bem como a avaliação da proficiência em línguas estrangeiras,
- Um Quadro de Referência para Abordagens Pluralistas das Línguas e Culturas: Competências e recursos [FREPA] (2007) - uma ferramenta que complementa o QECR no domínio das competências plurilingues e interculturais, propondo uma lista de subcompetências (descritores) divididas em três categorias: Conhecimentos, Aptidões e Saber-fazer. Descreve também o atual estado de desenvolvimento da educação plurilingue e intercultural na Europa,
- Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural (2008) - "Viver juntos como iguais em dignidade" - a recomendação do Conselho da Europa de rever as estratégias pedagógicas para todas as línguas ensinadas nos sistemas educativos, a fim de promover o diálogo intercultural.

Além disso, para promover a prática do respeito mútuo, a UE incentiva o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras e a mobilidade de todos os cidadãos através de programas de ação especiais:

- - Erasmus+: A promoção da aprendizagem de línguas e da diversidade linguística é um dos objetivos específicos do programa, que também financia muitos projetos para apoiar o ensino e a aprendizagem de línguas gestuais e para promover a sensibilização para a diversidade linguística e a proteção das línguas minoritárias.
- - Dia Europeu das Línguas - uma iniciativa que inclui uma gama diversificada de eventos destinados a promover a aprendizagem de línguas em toda a Europa e a sensibilizar o público para as muitas línguas faladas na Europa.



Funded by the
European Union



- Selo Europeu para as Línguas - um prémio da Comissão Europeia criado para incentivar novas iniciativas no ensino e aprendizagem de línguas, recompensar novos métodos de ensino de línguas e sensibilizar para as línguas regionais e minoritárias. A cultura e as línguas estão entre as principais tarefas da UNESCO, que publicou muitos documentos, instrumentos e programas sobre este tema nos últimos 60 anos. Estes incluem
- Década Internacional das Línguas Indígenas - com o objetivo de garantir o direito dos povos indígenas a preservar, revitalizar e promover as suas línguas e a ter em conta a diversidade linguística,
- Dia Internacional da Língua Materna - com o objetivo de preservar a diversidade linguística e promover a educação multilingue na língua materna.

Todos os projectos, programas, acções, conferências e apresentações servem o objetivo de sensibilizar para a diversidade social e promover o plurilinguismo. Em cada país membro, gabinetes ao nível dos ministérios da educação e da cultura implementam elementos da política educativa europeia. Todos os anos são elaborados novos programas e manuais escolares. Para garantir a coerência global, os programas de estudo e os currículos são criados com o objetivo de abranger diferentes aspetos da escolaridade: objetivos gerais, objetivos específicos/competências, conteúdos de ensino, abordagens e atividades, materiais e recursos, o papel dos professores, colaboração e avaliação. As decisões relevantes são tomadas a muitos níveis diferentes, pelo que o contexto social e o estatuto das línguas em causa têm de ser analisados cuidadosamente numa base individual (Conselho da Europa 2016).

Ao nível das instituições educativas individuais (nível meso e micro), os professores são incentivados a participar em intercâmbios entre países, a trabalhar com professores estrangeiros, a participar em eventos de divulgação e formação organizados pelo Conselho da Europa (www.coe.int/lang-CEFR), em concursos organizados pela União Europeia (ou seja, o Selo Europeu das Línguas) e a trabalhar com o Portfólio Europeu de Línguas (PEL), que apoia o desenvolvimento da autonomia dos alunos (nível nano), o plurilinguismo e a consciência intercultural.

No entanto, mesmo nos países que têm uma experiência substancial com salas de aula linguisticamente diversificadas, as atitudes são lentas a mudar, uma vez que os governos têm relutância em reconhecer que os currículos precisam de ser adaptados.

Ensino plurilingue nos diferentes níveis do sistema educativo:

- o Internacional (SUPRA) - instrumentos internacionais de referência
- o Sistema Nacional (MACRO) - plano de estudos, programa de estudos, objetivos estratégicos específicos, tronco comum, normas de formação
- o Escola, instituição (MESO) - adaptação do currículo escolar ou do plano de estudos ao perfil específico de uma escola
- o Turma, grupo, professor (MICRO) - livro de texto utilizado, recursos
 - o o Indivíduo (Nano) - experiência individual de aprendizagem, desenvolvimento pessoal (autónomo) ao longo da vida

Baseado em n Beacco e Byram (2016).

Referências

Beacco, J.C., & Byram, M. (2016). *Guide for the development and implementation of curricula for plurilingual and intercultural education*. Council of Europe.



Funded by the
European Union



Common European Framework of Reference for Languages. Council of Europe (2001). Cambridge: Cambridge University Press.

Common European Framework of Reference for Languages: Learning, teaching, assessment. Companion volume with new descriptors. Council of Europe (2020). <https://rm.coe.int/common-european-framework-of-reference-for-languages-learning-teaching/16809ea0d4>

Framework of Reference for Pluralistic Approaches to Languages and Cultures: Competences and resources. (2007). CELV, Graz. <https://www.ecml.at/Portals/1/documents/ECMI-resources/CARAP-EN.pdf> [retrieved on: 14 02 2023]

White Paper on Intercultural Dialogue "Living Together as Equals in Dignity", Strasbourg: Committee of Ministers, Council of Europe. https://www.coe.int/t/dg4/intercultural/source/white%20paper_final_revised_en.pdf [retrieved on: 14 02 2023]

Desafios individuais: conhecimentos, competências, atitudes e valores

(D. Pundziuvienė, V. Misevičiūtė)

Um dos maiores desafios individuais do ensino plurilingue pode ser o facto de, normalmente, cada aluno chegar à sala de aula não só com um nível diferente de proficiência na língua-alvo, mas também com um repertório plurilingue diferente. Pode ser difícil para os alunos integrarem os seus conhecimentos de cada língua num todo coeso, uma vez que isso requer uma certa compreensão de como as línguas estão ligadas e como podem ser utilizadas em conjunto de forma eficaz. Avaliar as necessidades individuais de cada aluno e adaptar o seu ensino às necessidades da turma como um todo é talvez o desafio individual do professor. Em relação a isso, Galante (2020) apresenta a sua investigação que examina a implementação de pedagogias plurilingues, em particular o translanguismo, num programa de língua inglesa, que revela que todo o repertório linguístico dos alunos é utilizado apenas em teoria, uma vez que dependem principalmente da sua L1 (Galante, 2020). Além disso, é importante notar que, para ajudar os alunos e professores a lidar com os seus desafios individuais, o sistema educativo nacional deve apoiar e promover o ensino plurilingue nas escolas e universidades. De acordo com Herzog-Punzenberger et al. (2017), "o desafio em questão é, portanto, oferecer um sistema escolar multilingue que apoie a inclusão de todos os alunos, no qual possam desenvolver todo o seu potencial linguístico, cognitivo e emocional" (p. 8).

O ensino plurilingue pode apresentar uma série de desafios para os aprendentes em termos de :

Conhecimentos

Vocabulário: Quando são utilizadas várias línguas, os alunos podem ter dificuldade em reter o vocabulário de cada língua, especialmente se as línguas forem muito diferentes. Podem ter dificuldade em alternar entre línguas e confundir palavras ou significados.

Gramática e registo: As diferentes línguas têm regras gramaticais diferentes, o que pode ser confuso para os aprendentes. Podem começar a confundir as estruturas das frases, a ordem das palavras, o registo, os tempos verbais e outros conceitos gramaticais em várias línguas.





Diferenças culturais: A língua e a cultura estão intimamente ligadas, e os aprendentes podem ter dificuldade em compreender as nuances culturais das línguas utilizadas durante o processo de ensino. Isto pode ser particularmente difícil se o aprendente não estiver familiarizado com a cultura associada a uma determinada língua utilizada.

Comunicação intercultural: Os diferentes países têm regras de comunicação diferentes, tanto verbais como não verbais. Comunicar através de muitas regras interculturais pode confundir os aprendentes, uma vez que alguns conceitos são completamente opostos. Conhecer as diferenças pode ser ainda mais difícil do que não saber o que fazer.

Capacidades

Integração das línguas: Pode ser difícil para os alunos integrar os seus conhecimentos de cada língua num todo coeso. Isto requer a compreensão de como as línguas estão ligadas e como podem ser utilizadas em conjunto de forma eficaz.

Confusão linguística: O ensino plurilingue pode, por vezes, levar os alunos a confundir palavras ou estruturas semelhantes nas várias línguas. Por exemplo, um aprendente pode misturar palavras ou sintaxe de várias línguas diferentes enquanto fala ou escreve.

Competências cognitivas: O ensino plurilingue pode ser mais exigente mentalmente para um aprendente, uma vez que requer que os alunos alternem entre diferentes sistemas linguísticos. Isto pode ser especialmente difícil para os alunos com fracas competências de translinguismo.

Processamento cognitivo: São esperados resultados cognitivos culturalmente diferentes em conceitos plurilingues. Pode ser confuso compreender o que os professores exigem e aceitam, porque há diferentes formas de construir conhecimento e de chegar a resultados cognitivamente aceitáveis.

ATITUDES E VALORES

Tempo e esforço: O ensino plurilingue pode ser moroso, tanto para o professor como para o aluno, exigindo uma quantidade significativa de tempo e esforço suplementares.

Atitude: A tolerância à diferença é muitas vezes um conceito que parece manejável em teoria; no entanto, na prática, pode ser difícil para os aprendentes compreenderem a sua própria posição e ultrapassarem as diferenças que são inesperadas ou que vão contra as crenças sociais/culturais. Reconhecer e ultrapassar o desconforto leva tempo e afeta as atitudes de cada um.

Valores: No ensino plurilingue, pode tornar-se pouco claro o que é apropriado e o que é um bom resultado. Isto pode levar a muitas confusões para os alunos.

Referências

- Galante, A. (2020). Pedagogical translanguaging in a multilingual English program in Canada: Student and teacher perspectives of challenges. *System Journal*, 92. <https://doi.org/10.1016/j.system.2020.102274>
- Herzog-Punzenberger, B., Le Pichon-Vorstman, E., & Siarova, H. (2017). 'Multilingual Education in the Light of Diversity: Lessons Learned', *NESET II report*, Luxembourg: Publications Office of the European Union. doi: 10.2766/71255.





Parte 4 Atitudes e valores





Ensino aberto, inclusivo e intercultural

(K. Peeters)

A criação de espaços de ensino e aprendizagem multilingues e multiculturais (IntlUni, 2015) no ensino superior é fundamental se quisermos que as nossas universidades sejam verdadeiramente diversificadas e inclusivas, e verdadeiramente internacionais, ao mesmo tempo que promovem o empenhamento e o impacto a nível local e regional. A principal missão das universidades é preparar as próximas gerações de cidadãos para uma vida profissional e pessoal de sucesso nas nossas sociedades multiculturais. Isto não pode ser feito sem nutrir valores-chave (europeus), como a diversidade, a inclusão e a participação democrática na sociedade, e competências-chave como a competência plurilingue (Conselho da UE, 2018, 2019). O ensino aberto, inclusivo e intercultural implica, por conseguinte, a inclusão de todas as pessoas presentes na sala de aula, cada vez mais internacional, e a inclusão de todas as línguas relevantes para os objetivos didáticos e os resultados de aprendizagem dos nossos currículos universitários e cursos individuais.

A abertura a outras línguas e culturas presentes na sala de aula é, sem dúvida, o principal valor que sustenta qualquer tentativa de integração de abordagens plurilingues no ensino e aprendizagem de línguas considerado como um esforço de equipa (ver, por exemplo, Luring et al., 2021 sobre o efeito positivo da abertura linguística e cultural no desempenho das equipas de investigação internacionais). A abertura no ensino intercultural envolve o questionamento de algumas das nossas práticas mais comuns e dos nossos próprios valores e preconceitos; por conseguinte, uma atitude aberta e culturalmente sensível em relação à diversidade linguística e cultural implica Escutar, Comunicar eficazmente, Evitar a ambiguidade, Respeitar as diferenças e Não julgar (L-E-A-R-N, Rubicondo, 2021, p. 38). A abertura é fundamental, pois contrabalança o risco de formas bem-intencionadas, mas prejudiciais, de estereotipar os "outros" (Page, 2021). Tal como referido no volume QECR Companion (2020, pp. 123-128), o ensino intercultural como prática culturalmente sensível implica valores educativos relacionados com a aprendizagem e o ensino plurilingues que facilitam a criação de um espaço de aprendizagem pluricultural aberto a diferentes práticas, crenças, convenções e perspetivas socioculturais e sociolinguísticas.

Isto implica que os professores reconheçam potenciais questões interculturais, promovam atitudes interculturais fundamentais, como o respeito, a abertura e a curiosidade, reservando o julgamento e dissipando noções preconcebidas erradas sobre outras culturas (Byram, 2009; Awad et al., 2023), e valorizem a igualdade e a justiça social, a diversidade cultural, a dignidade humana e os direitos humanos.

O ensino aberto, inclusivo e intercultural reflete as atitudes e os valores demonstrados pelos professores, transmitindo-os aos seus alunos, que aprendem a reconhecer as convenções de comunicação e o seu efeito nos processos discursivos, a explicar a sua interpretação de opiniões, práticas, crenças e valores culturalmente específicos, a apontar semelhanças e diferenças entre a sua própria cultura e outras culturas e a inquirir com empatia sobre a perspetiva e as formas de pensar e sentir de outra pessoa. O ensino aberto, inclusivo e intercultural cria uma atmosfera positiva e de apoio, dando as boas-vindas às pessoas, demonstrando interesse e respeito, e inquirindo sobre práticas e crenças socioculturais e sociolinguísticas. Para exemplos úteis e regras





básicas de como o professor pode ser um facilitador da competência interativa e intercultural, ver Rubicondo (2019, pp. 28-41). O ensino intercultural promove competências transversais importantes, como o trabalho em equipa, a capacidade de resolução de conflitos, a criação colaborativa de significados e o incentivo à avaliação pelos pares. Além disso, no espaço de ensino e aprendizagem multilingue e multicultural, os alunos aprendem em conjunto com o seu professor num ambiente seguro e encorajador, sentem-se mais motivados e menos inibidos para utilizar uma língua estrangeira.

Referências

- Awad, H., Peeraer, J. & Peeters, K. (2023) CLAIM-tool, An educational tool for the development and assessment of intercultural competences. <https://claim.flw.uantwerpen.be/>
- Bennett, M. (2004). Becoming intercultural competent. In J. Wurzel. (Ed.), *Toward multiculturalism. A reader in multicultural education* (pp. 62-77). Newton, MA: Intercultural Resource.
- Byram M. et al. (2009). *Multicultural societies, pluricultural people and the project of intercultural education*. Council of Europe, Language Policy Division, Strasbourg.
<https://rm.coe.int/multicultural-societies-pluricultural-people-and-the-project-of-interc/16805a223c>
- Council of the European Union (2018). Council Recommendation of 22 May 2018 on key competences for lifelong learning. education.ec.europa.eu/focus-topics/improving-quality/key-competences.
- . (2019). Council Recommendation of 22 May 2019 on a comprehensive approach to the teaching and learning of languages. *European Journal of Language Policy* 11(1), 129–137, also available at eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=uriserv:OJ.C_.2019.189.01.0015.01. ENG.
- Council of Europe. (2020). *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment. Companion volume (CEFR)*. Council of Europe Publishing, Strasbourg.
<https://rm.coe.int/common-european-framework-of-reference-for-languages-learning-teaching/16809ea0d4>.
- Deardorff, D. (Ed.). (2019). *The SAGE handbook of intercultural competence*. Sage.
- Grin F. (dir.) (2018). *MIME Vademecum, Mobility and Inclusion in Multilingual Europe*.
<https://www.mime-project.org/vademecum/>.
- IntlUni. (2015). *The challenges of the multilingual and multicultural learning space in the International University*. Erasmus Academic Network, 2012-2015, www.intluni.eu.
- Lauring, J., Butler, C.L., Paunova, M., & Uman, T. (2021). Openness towards language differences and cultural differences in multicultural teams: How do they interact? *European Journal of International Management*. <https://doi.org/10.1504/EJIM.2021.10035139>.
- Page, C. (2021). *Foundations of Intercultural Teaching*. Kwantlen Polytechnic University.
<https://kpu.pressbooks.pub/foundationsofinterculturalteaching/>
- Rubicondo, K. (2021). *Intercultural competence. Trainers manual*. https://www.ballarat.vic.gov.au/sites/default/files/2021-04/COB%20IC%20Trainers%20Manual_FA_SMALL.pdf

Abordagem ecológica do ensino das línguas, ensino linguisticamente sensível

(N. Mačianskienė & V. Bijekienė)

A ecologia da linguagem foi conceptualizada pela primeira vez pelo linguista americano Einar Haugen no início da década de 1970 como "o estudo das interações entre uma dada língua e o seu ambiente" (Haugen, 1972, 325), adotando o termo do campo da biologia. Por ambiente, Haugen entendia a sociedade que utiliza a língua como código; considerava que a língua existe





apenas nas nossas mentes e funciona quando interagimos com os outros num ambiente social e natural, proporcionando uma "perspetiva holística, multifacetada e dinâmica" (Eliasson, 2015, 78). Atualmente, o conceito de ecologia adquiriu perspetivas mais amplas devido à migração, à poluição e a outros problemas globais que as sociedades enfrentam. O conceito de língua também mudou, abrangendo questões mais amplas, mais profundas e mais variadas relacionadas com a sociedade e a mudança linguística: domínio de algumas línguas sobre outras, marginalização, ameaça, direitos humanos linguísticos, morte da língua, revitalização e revigoração das línguas, etc.

A abordagem ecológica do ensino das línguas baseia-se na perspetiva linguística de Haugen, que considera a língua como um sistema complexo e dinâmico e a aprendizagem das línguas como um processo ativo e participativo, influenciado pelo ambiente pessoal, cultural e social do aprendente, que age de forma autónoma e utiliza as suas estratégias de aprendizagem. Por conseguinte, a responsabilidade dos professores consiste em proporcionar oportunidades aos alunos para explorarem a língua, descobrindo-a através de várias atividades e tarefas. Rhalmi (2010) apresenta os seguintes princípios da abordagem ecológica do ensino das línguas

o Reconhecer a diversidade dos alunos e dos seus ambientes;

o Adaptar o ensino às necessidades e preferências dos alunos;

o Assegurar a interação dos alunos em atividades significativas da vida real uns com os outros;

o Reconhecer que a fluência dos alunos surgirá se lhes forem dadas oportunidades de explorar e descobrir as línguas através de várias atividades e tarefas.

Por conseguinte, para garantir estes princípios na prática, o ensino ecológico das línguas deve ser contextualizado, ou seja, baseado nas experiências dos alunos e apoiado pela utilização de vários materiais autênticos; deve também ser personalizado - os alunos devem ter a possibilidade de escolher tópicos, tarefas, etc., e autónomo - os alunos devem controlar a sua aprendizagem, ter oportunidades para refletir e auto-avaliar-se e utilizar várias estratégias de aprendizagem; assim, os alunos devem ter a capacidade de adquirir e utilizar a língua em situações da vida real.

É possível concluir que a abordagem ecológica da aprendizagem e do ensino de línguas é uma abordagem holística que valoriza, respeita, fornece, apoia e cria oportunidades para envolver e desenvolver todos os alunos, independentemente da sua diversidade cultural e linguística, ou seja, deve ser uma aprendizagem e um ensino de línguas linguisticamente responsivos ou sensíveis. O Volume de Acompanhamento do QECR promove explicitamente a abordagem orientada para a ação (2020, p. 29), que implementa plenamente os princípios do ensino ecológico das línguas, tal como demonstrado por Piccardo & North (2019).

O conceito de ensino linguisticamente sensível foi examinado em profundidade e amplamente promovido pelo projeto europeu de investigação-ação "Linguistically Sensitive Teaching in All Classrooms (LISTIac)". A definição de ensino linguisticamente sensível (ELS) criada pela parceria do projeto baseia-se na concetualização da competência plurilingue no QECR Companion Volume (2020). Nomeadamente, a ELS é vista como a capacidade do professor para utilizar e encorajar a utilização da competência plurilingue dos alunos em toda a escola, em que a competência plurilingue se refere à "capacidade de recorrer de forma flexível a um repertório plurilinguístico inter-relacionado e desigual" (QECR Companion Volume, 2020, p. 28). O ELS baseia-se num entendimento bidirecional da educação plurilingue proposto pela ECML como educação para o





plurilinguismo e educação através do plurilinguismo, de modo a que a diversidade de línguas e culturas na sala de aula se torne simultaneamente um objetivo e um recurso para a prática educativa (<https://www.ecml.at/>).

A procura de ELS é geralmente explicada pelo princípio de que "todos os alunos da UE precisam de professores que sejam linguisticamente sensíveis e recetivos" (<https://listiac.org/>). Numa época de crescente multilinguismo e multiculturalismo dos espaços de aprendizagem em todas as fases e ciclos de ensino, acredita-se que "a sensibilidade linguística é um pré-requisito para conceitos essenciais como a confiança e as relações sociais positivas na educação" (Bergroth & Haagensen, 2020). Além disso, o ELS. está intimamente relacionada com a inclusão linguística. De acordo com Ituiño Aguirre et.al., o ELS. refere-se ao ato de tratar as línguas dos alunos de uma forma inclusiva e, portanto, sensível em todas as práticas de ensino (2021). Assim, o ELS sobrepõe-se em grande parte ao que é chamado de "ensino linguisticamente responsivo" (Lucas et. al., 2008) e "ensino através de uma lente multilingue" (Cummins & Persad, 2014; Mačanskienė & Bijeikienė, 2021).

Referências

- Bergroth, M., & Haagensen, J. (2020). Relationships and linguistically sensitive teaching: Developing teacher practicum at Åbo Akademi University. *Kieli, koulutus ja yhteiskunta*, 11(3). <https://www.kieliverkosto.fi/fi/journals/kieli-koulutus-ja-yhteiskunta-toukokuu-2020/relationships-and-linguistically-sensitive-teaching-developing-teacher-practicum-at-abo-akademi-university>
- Council of Europe. (2020) *Common European framework of reference for languages: Learning, teaching, assessment. Companion volume with new descriptors*. Strasbourg: Council fo Europe Publishing. <https://rm.coe.int/cefr-companion-volume-with-new-descriptors-2018/1680787989>
- Cummins, J. & Persad, R. (2014). Teaching through a multilingual lens: The evolution of EAL policy and practice in Canada. *Education Matters*, 2(1),3–40.
- Eliasson, S. (2015). The birth of language ecology: interdisciplinary influences in Einar Haugen's "The ecology of language. *Language Sciences*, 50, 78-92. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2015.03.007>
- Ituiño Aguirre, L., van der Worp, K., Saragueta, E., Galdos, O., & Gaspar, A. (2021). Linguistically sensitive teaching in a multilingual context: perceptions of pre-service teachers of the Basque autonomous community. *Sustainable Multilingualism*, 18, 45–70.
- Lucas, T., Villegas, A.M., & Freedson, M. (2008). Linguistically responsive teacher education: Preparing classroom teachers to teach English language learners. *Journal of Teacher Education*, 59(4),361–373. <https://doi.org/10.1177%2F0022487108322110>
- Piccardo, E., & North, B. (2019). *The Action-oriented approach: a dynamic vision of language education*. Bristol: Multilingual Matters.
- Rhalmi, M. (2010). *Explore the ecological approach to language learning and teaching*. https://www.myenglishpages.com/blog/ecological-approach-to-language-learning/?utm_content=cmp-true

Ensino em equipa: professores e alunos como parceiros

(M. Wojakowska)



Funded by the
European Union



A migração crescente da população e o plurilinguismo nos países europeus tiveram um impacto na importância das línguas nas escolas e, conseqüentemente, no ensino de todas as línguas e disciplinas. É fundamental não esquecer o papel do professor no desenvolvimento de competências plurilingues e interculturais. Os professores não só ajudam os alunos a desenvolver competências funcionais, precisam de ser capazes de interagir com pessoas pertencentes a outros grupos sociais num contexto nacional e regional que falam a mesma ou outra língua, mas também ajudam a formar os alunos, quer como indivíduos, quer como membros ativos da sua comunidade.

Os professores são fundamentais para a implementação e o sucesso de qualquer currículo. A revisão dos currículos, a alteração dos objetivos de aprendizagem e a criação de materiais didáticos são partes importantes de qualquer reforma curricular, mas, em última análise, são os professores que são responsáveis pela seleção e promoção de experiências de aprendizagem e pela implementação de atividades que sejam significativas para os alunos e que lhes permitam atingir os objetivos que lhes foram identificados.

O principal objetivo da inclusão da educação plurilingue e intercultural no currículo pode ser o de dinamizar o ensino. A tónica pode ser colocada no ensino das disciplinas e na aprendizagem ao longo da vida ou na forma como as disciplinas são ensinadas. Crucialmente, o objetivo da educação plurilingue é ajudar os alunos a tornarem-se aprendentes autónomos e independentes. Para atingir este objetivo, temos de mudar o foco do ensino para permitir uma aprendizagem eficaz e promover os conceitos de apropriação e reflexão sobre a aprendizagem. Uma abordagem do ensino centrada no aluno produz alunos ativos que adquirem as competências de resolução de problemas, pensamento independente e aprendizagem autónoma.

No entanto, como o plurilinguismo é visto como um recurso positivo em si mesmo, os professores e os alunos parecem não saber como o utilizar. De acordo com um estudo realizado em novembro de 2009 pelo Centro Europeu de Línguas Modernas no âmbito do projeto MARILLE, quase todos os professores (90%) têm apenas uma vaga ideia sobre a gestão da diversidade linguística e cultural na sala de aula (Boeckmann et al., 2011). Ao mesmo tempo, 93% concordam que a prática de ensino na maioria das salas de aula de línguas deve promover o plurilinguismo, com as mesmas respostas vindas dos alunos. Isto indica que são necessárias mudanças em todas as áreas da educação para promover o plurilinguismo: no desenvolvimento de currículos e materiais didáticos, bem como na formação de professores, na organização escolar e, finalmente na prática docente.²

² Podem ser utilizados vários recursos em linha para promover conceitos pluralistas no ensino. A maioria destes recursos é facilmente acessível aos professores (ver <https://carap.ecml.at/Materials/tabid/2313/language/fr-FR/Default.aspx>). Outros recursos para a reforma curricular são também facilmente acessíveis aos professores e outras partes interessadas (ver <https://tools.ecml.at/matrix/> no âmbito do projeto CEFR QualiMatrix do ECML).





Referência

Boeckmann, K.-B., Aalto, E., Abel, A., Atanasoska, T., & Lamb, T. (2011). *Promoting plurilingualism – majority language in multilingual settings*. Strasbourg: Council of Europe Publishing (Publications of the European Centre for Modern Languages, Graz)





O plurilinguismo como valor acrescentado para o ensino, a investigação e o envolvimento com a sociedade

(M.Wojakowska)

Para promover o plurilinguismo e permitir que todos os alunos desenvolvam toda a sua gama de línguas, é vital que todos os alunos sejam educados sobre como fazer parte de uma sociedade cada vez mais multilingue. Precisam de se sentir seguros e protegidos no seu plurilinguismo, que é influenciado pelas opiniões da sociedade em geral. Se todos os alunos começarem a gostar e a desenvolver curiosidade sobre a diversidade de línguas nas suas comunidades, isso criará um ambiente em que se poderão orgulhar do seu próprio plurilinguismo. O plurilinguismo deve ser desejável para todos e deve aumentar a motivação para aprender mais sobre as línguas em geral e para aprender mais línguas. Um dos incentivos e resultados deste processo é a apreciação e o prazer de diferentes culturas, literaturas e textos, discursos, estilos e géneros.

Deve também reconhecer-se que a educação que promove o plurilinguismo envolve todos os alunos e todas as disciplinas. Deve ser inclusivo, reconhecendo e aproveitando todas as competências linguísticas e tendo em conta uma série de capacidades e antecedentes culturais. Um ambiente que valorize o plurilinguismo pode criar confiança, prazer e consciência na utilização de diferentes línguas, permitindo simultaneamente que os alunos desenvolvam um sentido forte e positivo da sua própria identidade. O respeito pelos aprendentes estende-se também à inclusão das suas vozes na sua própria aprendizagem através de inovações pedagógicas que visam promover a autonomia e a responsabilidade dos aprendentes pelos processos e resultados da aprendizagem (Boeckmann et al., 2011).

Referência

Boeckmann, K.B., Aalto, E., Abel, A., Atanasoska, T., & Lamb, T. (2011). *Promoting plurilingualism - majority language in multilingual settings*, European Centre for Modern Languages of the Council of Europe.
<https://www.ecml.at/Resources/ECMLresources/tabid/277/ID/22/language/en-GB/Default.aspx>





Conclusão: abordagens plurilingues no ensino superior: uma mudança de paradigma muito necessária para a qual a formação de competências é fundamental

(M. C. Conceição)

As abordagens plurilingues no ensino superior implicam uma transformação essencial e uma mudança de paradigma na educação linguística. Estas abordagens reconhecem a natureza multilingue do nosso mundo globalizado e dão prioridade à proficiência em várias línguas e literacias. A formação de competências torna-se fundamental para capacitar os alunos a viverem efetivamente em ambientes linguísticos e culturais diversos.

As abordagens plurilingues reconhecem o valor de todas as línguas e variedades que um aluno possui, incluindo a(s) L1(s), e pretendem integrá-las nas experiências educativas e de investigação. Promovem a educação inclusiva, reconhecendo e valorizando a diversidade linguística e cultural dos alunos. Estas abordagens capacitam os alunos para abraçarem as suas próprias identidades linguísticas e fomentam um sentimento de pertença. Também melhoram as capacidades de comunicação dos alunos, permitindo-lhes interagir eficazmente em ambientes multilingues e multiculturais, tanto a nível académico como profissional.

A formação em competências plurilingues prepara os alunos para as exigências de um mercado de trabalho globalizado, onde o multilinguismo e a compreensão intercultural são altamente valorizados. A formação confere aos licenciados competências transferíveis que lhes permitem navegar em contextos profissionais diversos e colaborar com indivíduos de diferentes origens linguísticas e culturais.



Funded by the
European Union